

35° Encontro Anual da Anpocs

GT09 – Esporte e Sociedade

Da seletividade histórica e outros dribles – arranjos e rearranjos das representações do futebol brasileiro no Museu do Futebol.

Vitor dos Santos Canale

## RESUMO

O presente artigo fará uma análise sobre como são articuladas as escolhas constituintes do acervo de longa duração, espaço voltado ao visitante, do Museu do Futebol, sediado no Estádio Paulo Machado de Carvalho. A escolha do dito museu, deve-se ao fato deste ser um dos equipamentos culturais mais procurados na cidade de São Paulo, ultrapassando recentemente a marca de 1 milhão de visitas<sup>1</sup>, desde sua inauguração em 2008, e por também se intitular e representar um espaço de preservação da memória de todo o futebol brasileiro, ao contrário dos memoriais e museus que tratam de clubes específicos, constituindo-se em iniciativa inédita no país. A seleção dos documentos históricos e a forma como eles são encadeado nas diversas salas suscitam, questões relativas a que história do futebol brasileiro esse espaço de memória tenta reafirmar, forjar e também, preservar. Assim, calcada em uma seletividade histórica e de memórias, na busca de um modo específico de contar a história do futebol brasileiro, o material que é apresentado ao visitante, sofre escolhas quanto ao seu conteúdo na busca de afirmar conceitos e discursos, não colocando-os em debate, sequer em perspectiva.

Agradeço à contribuição dos membros do GIEF (Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol) no debate que gerou esse artigo, em especial, às colocações de Tiago Ripa.

---

<sup>1</sup> Dado retirado do site do próprio museu: [www.museudofutebol.org.br/historia/](http://www.museudofutebol.org.br/historia/) Consultado em 10/08/2011.

Quando se pensa o futebol brasileiro uma diversidade quase inesgotável de práticas, locais, grupos, jogadores podem se articular sem que estejamos deixando de lado o princípio básico de refletir sobre o futebol. Esporte que envolve os indivíduos das mais diferentes maneiras - do tempo de lazer à atividade profissional. O futebol no Brasil e em diversas partes do mundo<sup>2</sup> é elemento de interesse cotidiano de parcela significativa da população, sendo também um dos meios existentes de se atribuir, forjar ou afirmar identidades pessoais e coletivas das mais variadas.

O fato de estar plenamente inserido no sistema futebolístico profissional mundializado ou sistema FIFA-IB<sup>3</sup>; o alto número de praticantes e apoiadores, dos mais diferentes graus<sup>4</sup>, torna o Brasil um dos países do futebol<sup>5</sup>. A prática esportiva de tão vasto interesse ainda não contava entre seus espaços com um local especialmente voltado para a manutenção de sua memória, em termos nacionais, até a fundação em 2008 do Museu do Futebol, sediado no estádio Paulo Machado de Carvalho, conhecido também como estádio do Pacaembu, bairro em que está localizado.

Anteriormente, em ações autônomas e de interesse próprio muitos clubes profissionais fundaram suas salas de troféus e seus memoriais, onde propiciam aos seus torcedores e ao visitante em geral a possibilidade de percorrer uma história do clube que abarca desde a fundação até o presente dos clubes; história contada a partir de vestimentas, fotos, troféus e outros objetos

---

<sup>2</sup> De forma mais aguda na América do Sul e na Europa.

<sup>3</sup> Creio que o termo FIFA-IB (DAMO:2007) seja o mais adequado para representar a estrutura em que se encontram os as equipes de futebol profissional e as seleções nacionais.

<sup>4</sup> O conceito de matrizes futebolísticas (DAMO:2007) que argumenta da existência das matrizes: bricolada, espetacularizada, comunitária e escolar, abarca as diferentes relações que torcedores, jogadores e demais envolvidos possam ter com o futebol no Brasil.

<sup>5</sup> Indo contra os discursos que atribuem ao Brasil a alcunha de país do futebol, utilizo o termo no plural, dada a importância de diversos outros países para esse esporte e a forma como o futebol têm grande importância social e cultural para outros vários países. Afirmo, assim, que outros diversos países podem se atribuir tal identidade, por diferentes aspectos.

transformados em documentos materiais para a relação afetiva do visitante com o passado de seu time.

As trajetórias das equipes são contadas a partir de grandes personalidades - majoritariamente jogadores e técnicos -, títulos importantes e também pela influência da participação do torcedor no engrandecimento de seu clube, sempre sob uma perspectiva apologética, baseada na emoção.

A função do memorial é eminentemente, a partir de uma perspectiva histórica, promover a memória institucional e, por vezes, apologética, além de estimular a relação afetiva do visitante com o clube.

Diferentemente dos memoriais e salas de troféus dos clubes o objetivo central do Museu do Futebol é tratar da ampla história do futebol brasileiro, em toda a sua diversidade e peculiaridade, numa perspectiva que dialoga com a sociedade brasileira do final do século XIX até o século XXI.

Na tentativa de preservar o leitor do quão possa ser repetitiva uma análise seqüencial de todas as salas e espaços históricos do museu, me ateei aos eixos temáticos que o Museu do Futebol privilegia e de que forma ele dialoga com a teoria museológica, com questões historiográficas do século XX no Brasil e com a produção das ciências humanas sobre o futebol brasileiro.

Por ser uma iniciativa pioneira e inexistirem museus similares em âmbitos regionais, estaduais ou nacional, a empreitada a que o Museu do Futebol tem que dar conta é a de suprir a ausência de uma cultura museológica preocupada com o futebol<sup>6</sup>, ser um espaço que não privilegie unicamente o aspecto clubístico ou a história de uma única instituição.

Sua concepção é válida inicialmente pelo pioneirismo, servindo de indicativo a outras iniciativas do gênero, que também poderiam desfrutar de uma bem sucedida média de visitação, provando que há um público interessado

---

<sup>6</sup> Podemos incluir aqui todos os outros esportes do país e ainda o Olimpismo, todos carentes de seus próprios museus e centros de documentação.

pelos documentos, problemas e histórias que um museu voltado à temática futebolística, e de outros esportes, possa sugerir.

O fato do Museu do Futebol instalar-se em uma cidade como São Paulo, em que a oferta de museus e aparelhos culturais é bastante vasta, mostra que há o interesse específico pelo futebol e sua história, seja no aspecto de rememorar fatos vividos no passado, seja na busca de novas possibilidades de conhecimento.

Deve ainda ser ressaltada a escolha do Estádio Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu, como sede do Museu do Futebol. O estádio mais tradicional e um dos mais antigos em funcionamento na cidade<sup>7</sup>. Palco de diversas e importantes conquistas do futebol profissional, recebeu importantes jogos da seleção nacional, inclusive a seleção brasileira durante a Copa do Mundo de 1950, além de outros jogos do torneio. A existência de vínculos afetivos, de memórias futebolísticas e o prestígio do Pacaembu, o tonaram uma escolha sensível à trajetória do futebol profissional brasileiro na cidade de São Paulo.

Escolha essa que ganha contornos ainda mais relevantes após a inclusão de São Paulo entre as cidades concorrentes à sede de abertura da Copa do Mundo de 2014, situação que levou ao conseqüente fomento da demanda para um novo estádio na cidade, que mais moderno, poderia corresponder às infundáveis recomendações da FIFA, proposta levada a frente pelo Corinthians, em negociação envolvendo o clube do Parque São Jorge, empreiteiras e o poder público.

O Corinthians que atualmente manda seus jogos no Pacaembu deixará de ocupá-lo quando o seu próprio estádio, em Itaquera, estiver pronto, fazendo com que a utilização sistemática do estádio deixe de ocorrer. O que se avizinha até o presente momento é a ocupação esporádica pela equipe do Santos,

---

<sup>7</sup> O estádio mais antigo da cidade ainda em funcionamento é o estádio Conde Rodolfo Crespi, também conhecido como Rua Javari, sede do Clube Atlético Juventus, fundado em 1929 e localizado no bairro da Mooca.

quando o time mandar seus jogos na capital, e a manutenção das funções do clube municipal do Pacaembu<sup>8</sup>. Até o presente momento não existem outras propostas para a utilização de tão vasta e importante área pública. Logo, o museu pode ser um dos incentivadores para a maior freqüência de visitantes ao estádio, e um modo de mantê-lo importante para a cidade na luta contra o descaso ao patrimônio público, já que por ser tombado pelo CONDEPHAAT<sup>9</sup>, por enquanto o estádio está a salvo do crescimento da cidade e da especulação imobiliária.

Instalado atrás das arquibancadas amarela e verde do Pacaembu, ao lado da entrada principal do estádio, o Museu do Futebol constitui uma nova área do estádio, reformada especificamente para recebê-lo, com iniciativa da prefeitura de São Paulo e do governo estadual, tendo sua concepção e realização a cargo da Fundação Roberto Marinho.

Parto da premissa de que o Museu do Futebol é um museu histórico<sup>10</sup>, e deve ser interpretado como tal. Desta forma, mais do que espaço de desfrute estético, do lazer e de ligações afetivas, ele existe enquanto projeto político e de responsabilidade social, não que com isso negue-se a importância das características supra-citadas (MENESES:1994). Como divulga o próprio site da instituição:

“O Museu do Futebol é um museu da história do Brasil. Uma história que tornou o futebol uma das mais reconhecidas manifestações culturais do país.”<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> Clube mantido pela prefeitura, utiliza a infra-estrutura disponível no complexo esportivo do Pacaembu, localizada atrás do tobogã do estádio e constituída por quadras poli-esportivas, de tênis e piscinas.

<sup>9</sup> O estádio Paulo Machado de Carvalho é tombado pelo CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo). Informação retirada da Resolução SC 05/98, de 21 de janeiro de 1998, publicado no DOE 02/04/98, p. 60.

<sup>10</sup> “Rigorosamente, todos os museus são históricos, é claro. Dito de outra forma, o museu tanto pode operar as dimensões de espaço como de tempo. No entanto, do tempo jamais poderá escapar, ao menos na sua ação característica, a exposição.” (MENESES:1994)

<sup>11</sup> Trecho que consta da seção do site <http://www.museudofutebol.org.br/historia/conheca-o-museu/pontape-inicial.html> Acessado em 10/08/2011.

A pergunta que inicialmente proponho é que tipo coleção ou problema se colocam à partir do acervo de longa duração<sup>12</sup>? Mas creio que devemos antes voltar à discussão relativa ao acervo constituinte do Museu do Futebol, para melhor embasar a análise.

No Museu do Futebol encontramos uma diminuta quantidade de peças do acervo material expostas, ao público está disponível para observação a camisa com que Pelé jogou o primeiro tempo da final da Copa do Mundo de 1970 contra a Itália, além de algumas chuteiras e bolas, além de mesas de pebolim, tudo o mais são materiais de áudio ou imagens digitalizadas. Escolhas vistas como uma inovação positiva e audaciosa por Azevedo e Alfonsi<sup>13</sup>, mas que colocam sob dúvida idéias como a de acervo, de coleção e o próprio conceito de museu.

O acervo midiaticizado, aspecto controverso, consta de transmissões radiofônicas editadas, cenas televisivas e fotos, que creio serem reproduções a partir de originais. Algo que a diáfana presença da Rede Globo<sup>14</sup> - bastião da memória do futebol profissional brasileiro -, gentilmente cede ao Museu do Futebol; material que exerce papel fundamental na dinâmica do museu e influencia na predominância do futebol de alto rendimento<sup>15</sup>. A visita à exposição de longa duração faz com que o visitante tenha neste espaço experiências que já são da ordem do cotidiano, e dada à constante ampliação do acesso à Internet no país muito do material apresentado poderia ser apreciado no ambiente doméstico por muitos dos visitantes<sup>16</sup>.

---

<sup>12</sup> Assim é chamado o acervo até aqui permanente do museu, pois é o mesmo desde a fundação do museu.

<sup>13</sup> (AZEVEDO e ALFONSI:2010 p.281)

<sup>14</sup> A concepção e realização do Museu do Futebol foi um projeto da Fundação Roberto Marinho, como atesta o site do museu <http://www.museudofutebol.org.br/historia/> acessado em 10/08/2011.

<sup>15</sup> Com exceção do espaço chamado Pé na bola, corredor que a partir de imagens das pernas de jogadores em diversos espaços e matrizes diferentes do futebol, mostra o caminho para o espaço dos Anjos Barrocos ao visitante. E algumas das placas e as mesas de pebolim que constituem a sessão Números e Curiosidade.

<sup>16</sup> Alguns dos lances apresentados na sessão Gol estão disponíveis em conhecidos sites de compartilhamento de vídeos, como o [www.youtube.com](http://www.youtube.com)

Apesar de analisar com ressalva os usos dos aparelhos digitais nos museus, não creio serem eles impedimentos ao bom funcionamento das instituições, e sob muitos aspectos podem trazer contribuições positivas<sup>17</sup>. Mas o campo de apreciação e reflexão a partir da cultura material é uma especificidade que os museus e os sítios arqueológicos, esses de acesso muito mais restrito, representam possibilidades únicas do cidadão ter acesso a esse tipo de conhecimento histórico. No caso dos museus predominantemente digitalizados, essa especificidade do trabalho histórico e tudo que dele demanda, como a preservação dos vários tipos de fontes materiais, se perde.

O novo tipo de acervo, proposto pelo Museu do Futebol, em que as fontes materiais têm um valor ínfimo diante dos documentos digitalizados faz com que se reflita sobre como é feita a escolha e o processo do que deve ser musealizado, quando o objeto transcende o seu valor de uso cotidiano e servirá a outro fim no museu, e a que propósito serve essa musealização.

“Torna-se evidente que o objeto histórico é de ordem ideológico e não cognitiva. Não que não possa ser utilizado para a produção de conhecimento. Ao contrário, são fontes excepcionais poro se entender a sociedade que os produziu ou reproduziu *enquanto objetos históricos*.” (MENESES: 1994)

Partindo do pressuposto que nenhum objeto nasce imbuído de valor histórico, e sim para preencher determinadas demandas na sociedade, a escolha do que deve ser musealizado ou não recai sobre os próprios museus. Contudo, essa escolha tem por objetivo atribuir conceitos, explicações e debates sobre a sociedade a qual o objeto pertencera, e a partir daí traçar panoramas sobre as mais diversificadas questões.

Com o cuidado de não incorrer no erro teórico de tratar a patrimonialização e a musealização como sinônimos, creio que o futebol ou algumas de suas práticas, momentos ou atores – principalmente os

---

<sup>17</sup> Algumas das várias contribuições positivas aos funcionamentos dos museus podem ser encontradas em MARANDINO, M. ALMEIDA, A. e VALENTE, M. (org.) *museu: lugar do público*. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz. 2009.



contemplados nos espaços do Museu do Futebol - não precisam estar representados em museus para ter seu devido valor reconhecido e poderem constituir a memória nacional do esporte, pois fazem parte dos programas televisivos e de outras mídias constantemente, fato que novamente põe o visitante na ordem do cotidiano, sendo que a exposição desses atletas não trás consigo o objetivo de um encadeamento histórico ou a partir de suas figuras, trajetórias e do que eles representam para parte do povo brasileiro não existe o objetivo de dialogar sobre questões maiores. O que se vê no espaço batizado como Anjos Barrocos, é a projeção de retratos de 25 dos maiores futebolistas brasileiros de todos os tempos em momentos de jogo, projeções que têm fim em si própria ou servem de motivadoras da exaltação do torcedor aos seus ídolos e ao futebol brasileiro, berço de craques.

O objetivo da reflexão é afirmar que não deveriam ser algumas práticas, momentos ou atores os motivos e os norteadores da existência do Museu do Futebol, mas o futebol inserido na sociedade brasileira. Desta forma as escolhas relativas às exposições deveriam contemplar documentos que objetivassem a explicação do mais de um século do futebol brasileiro. O que traz a tona novamente a questão relativa à coleção ou aos problemas que ditam a organização do museu.

Como o próprio site do Museu do Futebol afirma seu intuito é ser “um museu da história do Brasil<sup>18</sup>” que buscará entender o final do século XIX, século XX e início do XXI, a partir desse importante elemento cultural que é o futebol.

O funcionamento do museu e suas escolhas homologam valores já arraigados ao imaginário do brasileiro, que se fundamenta a partir do pressuposto de que o Brasil tem como peculiaridade um futebol de ginga, invenção e virtuosismo, características vinculadas à miscigenação enquanto fator positivo e vangloriado em nossa sociedade. Assim, a nossa principal

---

<sup>18</sup> Trecho extraído de <http://www.museudofutebol.org.br/historia/conheca-o-museu/pontape-inicial.html> acessado no dia 10/08/2011.

peculiaridade seria a miscigenação que se refletiria nos campos, também de modo único, por um estilo próprio, especial e vencedor.

Como toda a construção social a invenção de um estilo brasileiro de futebol não existe enquanto fim em si mesmo, e a sua reafirmação em espaço institucionalizado de memória não diz apenas sobre o futebol, mas pretende afirmar também sobre o que é ser brasileiro e como a história do Brasil se desenvolveu. Não podemos nos esquecer do poder afirmativo que uma instituição do porte de um museu, financiado pelo governo do estado, tem na afirmação de verdades históricas, ignorar isso seria não dar o devido valor ao poder desta instituição na vida dos cidadãos.

A partir do futebol-arte, estilo e representação que engloba as características de uma prática esteticamente agradável e, no Brasil, da miscigenação, o acervo de longa duração buscará a exaltação tanto do povo como do futebol de alto rendimento brasileiro. Afirmando assim, que a questão da exaltação à brasilidade possa ser tratada como elemento central e norteador dos diversos espaços do museu.

Levando-se em conta que a ginga, a invenção e o virtuosismo são exceções no futebol brasileiro durante toda sua história, sendo representadas pontualmente por determinados jogadores e equipes em momentos específicos, incorre em generalização infundada a defesa da inerência e recorrência de tal modo de praticar o futebol. Assim, um estilo nacional de se jogar o futebol, ou desenvolver qualquer outra atividade, traz consigo a generalização e a escolha de argumentos que fundamentem sua existência social.

Os estilos regionais - como as representações feitas sobre o futebol gaúcho, que prima por outros valores e características - são suprimidos em prol de uma pretensa unidade do povo e do jogo em todo o território nacional, situação que o Museu do Futebol só faz homogeneizar. Fundando sua representação do povo brasileiro e da história do futebol nacional ressaltando caracteres que são caros à história do futebol carioca mais do que a qualquer

outra parte do país, perceptível inspiração advinda da obra de Mario Filho, *O negro no futebol brasileiro*<sup>19</sup>.

“Ora, a essência de uma nação consiste em que todos os indivíduos tenham muitas coisas em comum, e também que todos tenham esquecido muitas coisas.” (RENAN: apud ANDERSON: 2009 p.32)

A eleição do carioca como indivíduo que encarne as virtudes do povo brasileiro de um modo geral, é algo presente não apenas no futebol, mas em escolhas como a música e o caráter extrovertido do brasileiro. Contudo, no caso futebolístico uma geração de grandes cronistas esportivos radicados no Rio de Janeiro<sup>20</sup>, além da influência da Radio Nacional, tornaram o futebol local o mais conhecido e emblemático do Brasil durante várias décadas.

“O meu ponto de partida é que tanto a nacionalidade – ou como talvez se prefira dizer, devido aos múltiplos significados desse termo, a condição nacional [*nation-ness*] – quanto o nacionalismo são produtos culturais específicos. Para bem entendê-los, temos de considerar, com cuidado, suas origens históricas, de que maneira seus significados se transformaram ao longo do tempo, e por que dispõem, nos dias de hoje, de uma legitimidade emocional tão profunda.” (ANDERSON:2009 p.30)

Dentro da análise feita por Anderson, creio que o fato da cidade do Rio de Janeiro ter sido por longo tempo a capital nacional, centro que atraiu grande parte da intelectualidade nacional no início do século XX, teve razoável importância no que podemos chamar de processo de metonímia, em que as representações sobre os cariocas passaram a ser em boa parte a dos brasileiros. No entanto, para além de constatarmos a veracidade ou não dos juízos feitos sobre os brasileiros, o relevante é analisarmos como essas características tornaram-se um discurso de ampla aceitação e reprodução.

---

<sup>19</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro. FAPERJ/Mauad. 2004.

<sup>20</sup> A título de exemplo cabe citar nomes como Mário Filho, Nelson Rodrigues, João Saldanha, José Lins do Rêgo, Armando Nogueira, dentre outros.

O suporte teórico de Mario Filho, que em seu livro estudou o caso específico do Rio de Janeiro, apesar do seu título dar um caráter nacional à abordagem, vai aparecer em diversos momentos no Museu do Futebol, contudo sob um uso despolitizado da obra do jornalista pernambucano.

Fatores centrais da discussão proposta por Mario Filho, já na década de 1940, como o racismo e a questão de classe na sociedade brasileira a partir do futebol são deixadas de lado pelas escolhas curatoriais do Museu do Futebol, talvez por não serem temas pertinentes para a abordagem histórica do Brasil no século XX. A impressão que a opção reafirma é de que o futebol, questões sociais e políticas no Brasil só podem ocupar o mesmo espaço quando a sua exposição leva ao ufanismo ou à apologia da miscigenação.

“... ela [a nação soberana] é imaginada como uma *comunidade* porque, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal.” (ANDERSON:2009 p.34)

Creio que dois dos mecanismos que forjam essa camaradagem horizontal entre os indivíduos no Brasil são os discursos sobre a miscigenação e os relativos ao futebol.

Desta forma, a miscigenação que iguala todos os indivíduos e torna peculiar a sociedade brasileira, uma falácia ou superficialidade já superada em obras como *Casa & Sezala*<sup>21</sup> e *Raízes do Brasil*<sup>22</sup> que identificavam uma sociedade portuguesa pré-colonização do Brasil enquanto povo miscigenado. Logo, o que nos torna diferente no panorama global, nada mais é que uma situação recorrente, senão a todas as nações, à maioria delas.

A mistura entre brancos<sup>23</sup>, negros e índios, assume um caráter agregador e de superação de preconceitos, afirmando uma sociedade brasileira meritocrática no século XX, argumento que não resiste a análises. Sob esse

---

<sup>21</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo. Círculo do Livro. Sem ano de publicação.

<sup>22</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo. Companhia das Letras. 2005.

<sup>23</sup> Primeiro o português e depois diversos povos imigrantes.

aspecto nega-se ainda a questão de classe, como elemento de diferenciação dentro da sociedade, além de se relativizar o valor dos conflitos e conquistas populares na sociedade. Assim, questões advindas da abolição da escravidão e da inserção do Brasil numa totalidade de trabalhadores livres sob essa fórmula foram resolvidas subitamente perante o reconhecimento da igualdade dos indivíduos enquanto miscigenados.

Pensar nos interesses e no processo que vai transformar determinados discursos que caracterizam o brasileiro em hegemônicos, sendo até em parte reproduzido por instituições que buscam organizar a memória brasileira é uma reflexão que indubitavelmente passará pelo futebol. Afinal estando o futebol inserido enquanto elemento da sociedade, neste caso à brasileira, não passaria imune ao uso social da questão da miscigenação e da democracia racial, apesar das evidências históricas não afirmarem a dita teoria, nem no caso específico do futebol nacional e nem na sociedade brasileira como um todo.

Afirmar ou dar a entender que o futebol brasileiro foi um espaço de superação do racismo, pois gradualmente, ao longo do século XX, foi inserindo o negro e o branco pobre nos times, em sua maioria, aburguesados, que disputavam torneios chancelados pelas federações de seus estados, é deixar de lado uma análise estrutural do preconceito de cor e ignorar a trajetória dos atletas negros envolvidos neste processo. E para isso, mais do que afirmar a inexistência do racismo o expediente utilizado é a afirmação gradual da democracia racial em terras brasileiras ou a atitude não abordar tal discussão.

O grande problema em desenvolver uma narrativa a partir do pressuposto duvidoso supra-citado é que a sua existência hermética e concisa, já que toda a narrativa faz sentido em si própria, não dá espaço para a crítica a nada que não seja relativo à uma visão coletivizada de como o povo brasileiro miscigenado é vitorioso e o futebol funcionaria como um desses índices de triunfo da coletividade brasileira e da peculiar miscigenação e de um Estado de democracia racial por consequência.

Interesses como os títulos, as vitórias e o rendimento não interagem com a inserção e a conquista de espaços do negro como jogador de futebol nas

equipes de alto rendimento, processo que durou até a década de 1950 em alguns casos, deixando lacunas importantes na compreensão de um processo complexo que mudou as relações entre os indivíduos no futebol brasileiro. Processo esse que não deve ser visto como uma questão de aceitação, mas de conflitos, embates e conquistas desses futebolistas negros que manejaram seus saberes corporais de modo a conseguirem melhores condições de vida.

O negro representou durante mais de uma década futebolistas que não era absorvidos pelas principais equipes de suas regiões, salvo exceções. A transição de uma situação de camaradagem horizontal, entre os jogadores dos principais times e seus dirigentes, equipes em sua maioria de ascendência burguesa, em um momento pré-profissionalismo; para uma relação entre dirigentes e torcedores como patrões e futebolistas como empregados, após a profissionalização, momento em que a participação do atleta negro aumenta dentro desses clubes, é índice fundamental para a apresentações e análises sobre o futebol brasileiro da primeira metade do século XX.

Pensar o futebolista negro inserido no sistema Fifa-IB sem a discussão das peculiaridades regionais e dos clubes, atribuindo, como fez Mario Filho, o marco do profissionalização do futebol ao caso do Rio de Janeiro é temerário e exclui a diversidade de casos e situações que diferenciam os estados brasileiros.

Na construção de discursos sobre uma sociedade meritocrática e de uma democracia racial a seleção brasileira terá papel fundamental no Museu do Futebol. Pois na apresentação do museu em todos os momentos a seleção simboliza a coletividade brasileira, representando seu povo, à imagem e semelhança. A afirmação de uma história idílica de paz e aceitação entre os grupos e do triunfo meritocrático em um estado de direito encontra eco na forma como se organiza a exposição do museu do futebol, algo sujeito a críticas e revisões.

A sala dos Heróis, que coloca sob o mesmo título Gilberto Freyre, Sérgio Buarque, dentre outros expoentes do pensamento e da arte nacional, e,

Leônidas da Silva e Domingos da Guia, como fomentadores de uma identidade nacional brasileira corrobora com a criação de uma pretensa igualdade.

Novamente, a questão da raça não integra a apresentação, em prol de uma perspectiva meritocrática em que qualquer indivíduo pelos seus méritos pode exercer papel marcante na história brasileira. Assim, os heróis brasileiros transcendem a classe e a cor, se tornando espectros daquilo que deveríamos ser, um país com cidadãos valorosos.

“Nas décadas de 1930 e 1940, o Brasil passa a olhar para si mesmo buscando uma identidade cultural e social que lhe fosse própria. Poetas, pintores, músicos, pensadores e, por que não, nossos jogadores, contribuíram para a construção dessa identidade: um Brasil mestiço, criativo, alegre que, embora desigual, apresentava o potencial para uma grande nação.<sup>24</sup>”

O excerto retirado do site do Museu do Futebol vai afirmar que o Brasil passa a olhar a si próprio em busca de suas características, reificando um processo que é feito da conduta de indivíduos e seus grupos, com objetivos e determinações. Assim, artistas, escritores e jogadores parecem ser meros contribuintes de um processo que não tem interesses específicos e nem direção definida, querendo apenas retratar a verdadeira alma do povo brasileiro.

Enquanto características como mestiço, criativo e alegre são ressaltadas, a desigualdade é colocada como questão periférica tanto do excerto como da montagem do acervo ao público. Discurso de identidade do brasileiro que é pronto e acabado após as formulações da primeira metade do século, negando sua existência processual e as reelaborações no tempo.

“Ora, a identidade é um processo, não um produto, que só pode ser apreendido e entendido em *situação*, não abstratamente (a identidade se define sempre por oposição a uma alteridade e conforme escola móvel, que o jogo dialético produz). Transformá-la numa quintessência, que pode ser perdido,

---

<sup>24</sup> Excerto retirado do site:

[http://www.museudofutebol.org.br/historia/index.php?option=com\\_content&view=article&id=425&Itemid=739](http://www.museudofutebol.org.br/historia/index.php?option=com_content&view=article&id=425&Itemid=739) acessado em 10/08/2011.

resgatada etc. é pura ilusão. O emprego do "típico" (fácil de descambar para o estereótipo), constitui simplificação que inelutavelmente mascara a complexidade, o conflito, as mudanças e funciona como mecanismo de diferenciação e exclusão" (MENESES:1994)

Na forma como se organiza tal sala os saberes do corpo e intelectuais são postos em pé de igualdade, não reconhecendo ainda que na sociedade brasileira os trabalhos que envolvem o uso de aptidões físicas sejam vistos com preconceito e resultante da falta de capacidade intelectual.

Ao adotar uma análise que busca a conciliação racial e de classe no Brasil, marcos emblemáticos do futebol brasileiro das primeiras décadas do século XX são destituídos de seu viés político ou solenemente ignorados, como o sulamericano de 1919 no Rio de Janeiro, a equipe do Vasco da Gama campeã carioca de 1923, a profissionalização do futebol, primeiro com iniciativas estaduais e depois de forma nacional. Sendo que essas questões sejam tratadas assim, sob o risco de contradizer essa miscigenação vitoriosa e a meritocracia brasileira.

“A exposição verdadeiramente histórica é aquela em que a comunicação dos documentos, por sua seleção e agenciamento, permite encaminhar *inferências sobre o passado* - ou melhor, sobre a *dinâmica* - da sociedade, sob aspectos delimitados, que conviria bem definir, a partir de problemas históricos. Inferências são abstrações, que não emanam da materialidade dos objetos, mas dos argumentos dos historiadores, referindo-se a propriedades materiais ‘indiciárias’ desses objetos e a informações sobre suas trajetórias.” (MENESES:1994)

Corroborando com a visão de Meneses, creio que as inferências sobre o passado devem ser o elemento norteador de um acervo e de uma exposição. Pois são a partir deles que os visitantes têm conclusões próprias sobre os processos históricos, importante atitude que visa tornar o conhecimento popular não só na sua apreensão, mas em sua construção. Por isso da necessidade do



museu incitar questões e não funcionar como um espaço meramente emocional, onde o visitante ou tem os significados prontos, ou a exposição não proporciona reflexões, somente afirmando certezas definitivas, situação negativa pois o conhecimento histórico não é algo pronto, nem sequer definitivo.

Ao privilegiar o esporte de alto rendimento, dimensão do jogo que corresponde à maioria do material disponível ao público, o museu deixa de lado uma extensa variedade de matrizes do futebol, que nada mais são que os modos como as diversas populações e grupos do Brasil se apropriam das regras e da dinâmica do jogo em prol de suas peculiaridades, sejam elas de espaços físicos, números de jogadores e meios de jogo. Afirmando esse descaso a essas práticas não reivindico a necessidade de documentá-las todas, tentativa impossível, mas sim de dotar de agência histórica e reconhecimento os saberes populares daqueles que não necessariamente têm o jogo como trabalho. É necessário reconhecer que para o povo existem outros valores e lógicas para além de tentar a ascensão profissional pelo futebol ou ser torcedor. Um museu sobre o futebol, uma atividade em vários momentos lúdica, que não abarque essa característica do esporte só reafirma a existência de um primado do trabalho e das situações ligadas a ele, em detrimento do lazer.

Pois, desta forma, o futebol de alto rendimento, transparece ser a condição ideal do futebol, a que merece o primado dentre as várias possibilidades oferecidas pelo jogo e a que melhor representa o povo brasileiro em sua subjetividade. O modo como o futebol brasileiro é apreciado pelo restante do mundo e apresentado pelos meios de comunicação, pode não ser necessariamente a única forma de relevo para as análises da importância social do esporte e para a produção do conhecimento histórico.

Ao analisar de modo crítico esses diversos fatores, creio que as escolhas curatoriais trazer consigo pouco ou nenhum vínculo com os diversos estudos históricos, sociológicos e de diversas outras áreas do conhecimento que têm se empenhado em analisar o futebol sob uma vertente menos complacente socialmente e sob um empenho teórico, algo que envolve a análise de fontes e a reflexão sobre os fenômenos sociais. Assim, a dimensão que faz parte das

atribuições de um museu como espaço formulador do conhecimento histórico é carente no Museu do Futebol.

A produção bibliográfica sobre o futebol, que durante muito tempo foi considerada incipiente, hoje já não pode ser tratada como tal. A produção acadêmica se não deve ser transposta aos museus, pode de forma depurada, e a partir de documentos que incitem o visitante, colaborar para uma melhor qualidade das exposições museológicas do tema.

## **CONCLUSÃO**

O que propus ao longo do artigo não foi um caminho ideal que o Museu do Futebol deva seguir, enquanto museu histórico, mas refletir sobre os princípios que o museu poderia trilhar na construção de um conhecimento histórico de um tipo insubstituível e específico, que só pode se propiciado a partir do trabalho com a cultura material e a formulação de questões históricas que se utilizem dos documentos no objetivo de uma análise social de maior espectro. A proposta é que o museu não exista apenas, enquanto tema, ou seja desenvolvido à moda da monografia acadêmica, mas que suas diversas possibilidades de acervo, sejam elas digitais ou não, empreendam uma base para a apresentação de eventos históricos, a reflexão sobre processos e estruturas sociais brasileiras, a partir de elementos do futebol.

“... imaginar-se que é possível, por intermédio de exposições museológicas, expressar a "significação" de determinado grupo ou cultura, "povo", nação ou segmento social é ingenuidade em que os museólogos profissionais não poderiam cair. Não é possível, decididamente, *exibir culturas*” (MENESES:1994)

Baseado nas considerações de Ulpiano Bezerra de Meneses, argumento que o Museu do Futebol carece de uma problemática e da seleção de elementos que propiciassem debates e discussões sobre a sociedade brasileira. Desta forma, seria bem vinda a organização do acervo e da exposição permanente ao público num sentido que não afirmasse argumentos já

enraizados na sociedade, mas propusesse uma visão menos idílica e romantizada das relações de cor e classe na sociedade brasileira.

Vejo ainda a importância trabalho museológico na tentativa de amenizar o reducionismo histórico que atribui às trajetórias de Rio de Janeiro e São Paulo a condição de metonímia da sociedade brasileira, impossibilitando o conhecimento da diversidade de perspectivas das diversas regiões do Brasil.

No entanto, continuo afirmando a importância da iniciativa do Museu do Futebol e a validade de experiências similares, no intuito de suprir uma observável carência de aparelhos culturais que privilegiem os esportes.

Contudo, vejo que a perspectiva como é montado o museu no estádio do Pacaembu é consonante à idéia de um memorial - espaço voltado à reverência e ao culto à determinada memória - e não necessariamente a um museu. Um memorial que busca a afirmação de uma brasilidade mestiça e democrática, a partir do futebol.

## **Bibliografia**

ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas. São Paulo. Companhia das Letras. 2009.

AZEVEDO, Clara. e ALFONSI, Daniela. A patrimonialização do futebol: notas sobre o Museu do Futebol. Revista de História – USP. São Paulo. n.163. p. 275-292. jun/dez 2010.

DaMATTA, Roberto e outros. Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro. Pinakotheke. 1982.

DAMO, Arlei Sander. Do dom à profissão – A formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo. ANPOCS/HUCITEC. 2007.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. Ensaio Bibliográfico – WISNIK, José Miguel. Veneno Remédio. O futebol e o Brasil. São Paulo. Companhia das Letras. 2008. 430p. Revista de História – USP. São Paulo. n.163 p.369-389. jun/dez 2010.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. São Paulo. Círculo do Livro. Sem ano de publicação.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo. Companhia das Letras. 2005.

MARANDINO, Martha; ALMEIDA, Adriana; e VALENTE, Maria Esther. Museu: lugar do público. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz. 2009.

MENESES, Ulpiano Bezerra de (org.) Como explorar um museu histórico. São Paulo. Museu Paulista da USP. 1992.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. Anais do Museu Paulista. São Paulo. v.2 p.9-42. jan/dez 1994.

RODRIGUES FILHO, Mario. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro. FAPERJ/Mauad. 2004.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Lógicas no Futebol. São Paulo. FAPESP/HUCITEC. 2002.

WISNIK, José Miguel. Veneno Remédio – O futebol e o Brasil. São Paulo. Companhia das Letras. 2008.